

## 1. ENEM 2004

### Cidade grande

*Que beleza, Montes Claros.  
Como cresceu Montes Claros.  
Quanta indústria em Montes Claros.  
Montes Claros cresceu tanto,  
ficou urbe tão notória,  
prima-rica do Rio de Janeiro,  
que já tem cinco favelas  
por enquanto, e mais promete.*

(Carlos Drummond de Andrade)

No trecho "Montes Claros cresceu tanto, / (...),/ QUE já tem cinco favelas", a palavra QUE contribui para estabelecer uma relação de consequência. Dos seguintes versos, todos de Carlos Drummond de Andrade, apresentam esse mesmo tipo de relação:

- a. "Meu Deus, por que me abandonaste / se sabias QUE eu não era Deus / se sabias que eu era fraco."
- b. "No meio-dia branco de luz uma voz QUE aprendeu / a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu / chamava para o café."
- c. "Teus ombros suportam o mundo / e ele não pesa mais QUE a mão de uma criança."
- d. "A ausência é um estar em mim. / E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, / QUE rio e danço e invento exclamações alegres."
- e. "Penetra surdamente no reino das palavras. / Lá estão os poemas QUE esperam ser escritos."

## 2. CESGRANRIO 1991

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### CINZAS DA INQUISIÇÃO

1 Até agora fingíamos que a Inquisição era um episódio da história europeia, que tendo durado do século XII ao século XIX, nada tinha a ver com o Brasil. No máximo, se prestássemos muita atenção, íamos ouvir falar de um certo Antônio José - o Judeu, um português de origem brasileira, que foi queimado porque andou escrevendo umas peças de teatro.

2 Mas não dá mais para escamotear. Acabou de se realizar um congresso que começou em Lisboa, continuou em São Paulo e Rio, reavaliando a Inquisição. O ideal seria que esse congresso tivesse se desdobrado por todas as capitais do país, por todas as cidades, que tivesse merecido mais atenção da televisão e tivesse sacudido a consciência dos brasileiros do Oiapoque ao Chuí, mostrando àqueles que não podem ler jornais nem frequentar as discussões universitárias o que foi um dos períodos mais tenebrosos da história do Ocidente. Mas mostrar isso, não por prazer sadomasoquista, e sim para reforçar os ideais de dignidade humana e melhorar a debilitada consciência histórica nacional.

3 Calar a história da Inquisição, como ainda querem alguns, em nada ajuda a história de instituições e países. Ao contrário, isto pode ser ainda um resquício inquisitorial. E no caso brasileiro essa reavaliação é inestimável, porque somos uma cultura que finge viver fora da história.

4 Por outro lado, estamos vivendo um momento privilegiado em termos de reconstrução da consciência histórica. Se neste ano (1987) foi possível passar a limpo a Inquisição, no ano que vem será necessário refazer a história do negro em nosso país, a propósito dos cem anos da libertação dos escravos. E no ano seguinte, 1989, deveríamos nos concentrar para rever a "república" decretada por Deodoro. Os próximos dois anos poderiam se converter em um intenso período de pesquisas, discussões e mapeamento de nossa silenciosa história. Universidades, fundações de pesquisa e os meios de comunicação deveriam se preparar para participar desse projeto arqueológico, convocando a todos: "Libertem de novo os escravos", "proclamem de novo a República".

5 Fazer história é fazer falar o passado e o presente criando ecos para o futuro.

6 História é o anti-silêncio. É o ruído emergente das lutas, angústias, sonhos, frustrações. Para o pesquisador, o silêncio da

história oficial é um<sup>1</sup> silêncio ensurdecedor. Quando penetra nos arquivos da consciência nacional, os dados e os feitos berram, clamam, gritam, sangram pelas prateleiras. Engana-se, portanto, quem julga que os arquivos são lugares apenas de poeira e mofo. Ali está pulsando algo. Como num vulcão aparentemente adormecido, ali algo quer emergir. E emerge. Cedo ou tarde. Não se destrói totalmente qualquer documentação. Sempre vai sobrar um herege que não foi queimado, um judeu que escapou ao campo de concentração, um dissidente que sobreviveu aos trabalhos forçados na Sibéria. De nada adiantou aquele imperador chinês ter queimado todos os livros e ter decretado que a história começasse com ele.

7 A história recomeça com cada um de nós, apesar dos reis e das inquisições.

(Affonso R. de Sant'Anna. *A RAIZ QUADRADA DO ABSURDO*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p. 196-198.)

"O ideal seria QUE esse congresso tivesse se desdobrado por todas as capitais do país, por todas as cidades, QUE tivesse merecido mais atenção da televisão e tivesse sacudido a consciência dos brasileiros do Oiapoque ao Chuí, mostrando àqueles QUE não podem ler jornais nem frequentar as discussões universitárias o que foi um dos períodos mais tenebrosos da história do Ocidente."

Assinale a classificação CORRETA das palavras em destaque, respectivamente:

- a. pronome relativo / conjunção integrante / conjunção integrante.
- b. pronome relativo / conjunção integrante / conjunção consecutiva.
- c. conjunção integrante / conjunção integrante / pronome relativo.
- d. conjunção integrante / conjunção consecutiva / conjunção comparativa.
- e. conjunção consecutiva / pronome relativo / pronome relativo.

### 3. EPCAR (AFA) 2012

#### Texto I

##### O silêncio incomoda

<sup>1</sup>Como trabalho em casa, assisto a um grande número de jogos e programas esportivos, alguns porque gosto e outros para me manter atualizado, vejo ainda muitos noticiários gerais, filmes, programas culturais (são pouquíssimos) e também, por curiosidade, muitas coisas ruins. Estou viciado em televisão.

Não suporto mais ver <sup>25</sup>tantas tragédias, crimes, violências, falcatruas e tantas politicagens para a realização da Copa de 2014.

Estou sem paciência <sup>20</sup>para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil, consequência do estilo de jogar, da tolerância com a violência e do ambiente bélico em <sup>14</sup>que <sup>9</sup>se transformou o futebol, dentro e fora do campo.

Na transmissão das partidas, <sup>30</sup>fala-se e grita-se demais. Não há um único instante de silêncio, nenhuma pausa. O barulho é cada dia maior no futebol, nas ruas, nos bares, nos restaurantes e em quase todos os ambientes. O silêncio incomoda as pessoas.

É óbvio <sup>15</sup>que informações e estatísticas são importantíssimas. Mas exageram. <sup>2</sup>Fala-se <sup>26</sup>muito, mesmo com a bola rolando. Impressiona-me <sup>18</sup>como <sup>10</sup>se formam conceitos, dão opiniões, baseados em estatísticas <sup>13</sup>que têm pouca ou nenhuma importância.

Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a <sup>6</sup>"grande notícia", <sup>21</sup>que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro a marcar dois gols contra a Escócia em uma mesma partida.

<sup>22</sup>Parece haver uma disputa para saber <sup>19</sup>quem dá mais informações e estatísticas, e outra, entre os narradores, <sup>3</sup>para saber quem grita gol mais <sup>23</sup>alto e <sup>24</sup>prolongado. <sup>11</sup>Se dizem <sup>16</sup>que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?

<sup>21</sup>Outra discussão <sup>27</sup>chata, durante e após as partidas, é <sup>8</sup>se um jogador teve a intenção de colocar a mão na bola e de fazer pênalti, e se outro teve a intenção de atingir o adversário. Com raríssimas exceções, <sup>4</sup>ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador.

<sup>7</sup>O que ocorre, com frequência, é <sup>5</sup>o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro. O impulso está à frente da consciência. Não sou também tão ingênuo para achar <sup>17</sup>que todas as faltas violentas são involuntárias.

Não dá para o árbitro saber <sup>12</sup>se a falta foi intencional ou não. Ele precisa julgar o fato, e não a intenção. Eles precisam ter também bom senso, o que é raro no ser humano, para saber a gravidade das faltas. <sup>29</sup>Muitas parecem <sup>28</sup>iguais, mas não são. Ter critério não é unificar as diferenças.

(Tostão, *Folha de S.Paulo*, caderno D, “esporte”, p. 11, 10/04/2011.)

## Texto II

### O ídolo

*Em um belo dia, a deusa dos ventos beija o pé do homem, o maltratado, desprezado pé, e, desse beijo, nasce o ídolo do futebol.*

<sup>7</sup>*Nasce em berço de palha e barraco de lata e vem ao mundo abraçado a uma bola.*

<sup>1</sup>*Desde que aprende a andar, sabe jogar. Quando criança, alegra os descampados e os baldios, joga e joga e joga nos ermos dos subúrbios até que a noite cai e ninguém mais consegue ver a bola, e, quando jovem, voa e faz voar nos estádios. Suas artes de malabarista convocam multidões, domingo após domingo, de vitória em vitória, de ovação em ovação.*

<sup>4</sup>*A bola <sup>13</sup>o procura, <sup>14</sup>o reconhece, precisa dele. No peito de <sup>18</sup>seu pé, ela descansa e se embala. <sup>6</sup>Ele <sup>19</sup>lhe dá brilho e <sup>20</sup>a faz falar, e neste diálogo entre os dois, milhões de mudos conversam. <sup>11</sup>Os Zé Ninguém, os condenados a serem para sempre ninguém, podem sentir-se alguém por um momento, por obra e graça desses passes devolvidos num toque, <sup>16</sup>essas fintas que desenham os zês na grama, <sup>17</sup>esses gols de calcanhar ou de bicicleta: quando ele joga o time tem doze jogadores.*

— *Doze? Tem quinze! Vinte!*

<sup>10</sup>*A bola ri, radiante, no ar. Ele a amortece, a adormece, diz galanteios, dança com ela, e vendo essas coisas nunca vistas, seus adoradores sentem piedade por seus netos ainda não nascidos, que não estão vendo <sup>15</sup>o que acontece.*

<sup>22</sup>*Mas o ídolo é ídolo apenas por um momento, humana eternidade, coisa de nada; e quando chega a hora do azar para o pé de ouro, a estrela conclui sua viagem do esplendor à escuridão. <sup>3</sup>Esse corpo está com mais remendos que roupa de palhaço, o acrobata virou paraplégico, o artista é uma besta:*

— *Com a ferradura, não!*

<sup>8</sup>*A fonte da felicidade pública se transforma no <sup>12</sup>para-raios do rancor público:*

— *Múmia!*

*Às vezes, o ídolo não cai inteiro. <sup>5</sup>E, às vezes, <sup>2</sup>quando <sup>9</sup>se quebra, a multidão <sup>21</sup>o devora aos pedaços.*

(Eduardo Galeano. *Futebol, ao sol e à sombra*.)

## Texto III

### Sermão da Planície

(para não ser escutado)

*Bem-aventurados os que não entendem nem aspiram a entender de futebol, pois deles é o reino da tranquilidade.*

*Bem-aventurados os que, por entenderem de futebol, não se expõem ao risco de assistir às partidas, pois não voltam com decepção ou enfarte.*

(...)

*Bem-aventurados os que não escalam, pois não terão suas mães agravadas, seu sexo contestado e <sup>3</sup>sua integridade física ameaçada, ao saírem do estádio.*

*<sup>4</sup>Bem-aventurados os que não são escalados, pois escapam das vaías, projéteis, contusões, fraturas, e mesmo da <sup>5</sup>glória precária de um dia.*

*<sup>2</sup>Bem-aventurados os que não são cronistas esportivos, pois não carecem de explicar o inexplicável e racionalizar a loucura.*

(...)

*Bem-aventurados os surdos, pois não os atinge o estrondar das bombas da vitória, que fabricam os surdos, nem o <sup>1</sup>matraquear dos locutores, carentes de exorcismo.*

(...)

*Bem-aventurados os que, depois de escutar esse sermão, aplicarem todo o ardor infantil no peito maduro para desejar a vitória do selecionado brasileiro nesta e em todas as futuras Copas do Mundo, como faz o velho sermoneiro desencantado, mas torcedor assim mesmo, pois para o diabo vá a razão quando o futebol invade o coração.*

(Carlos Drummond de Andrade. *Jornal do Brasil*, 18/06/1974.)

Assinale a alternativa na qual a palavra *QUE* tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "...baseados em estatísticas *que* têm pouca ou nenhuma importância." (ref. 13, texto I)

- a. "... ambiente bélico em que se transformou o futebol." (ref. 14, texto I)
- b. "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas." (ref. 15, texto I)
- c. "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..." (ref. 16, texto I)
- d. "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias." (ref. 17, texto I)

#### 4. INSPER 2011

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Filme-enigma de Christopher Nolan gera discussões sobre significado e citações ocultas ou óbvias em sua trama onírica

#### Divulgação



Cena do longa de ficção científica "A Origem"

Certa vez o sábio taoísta Chuang Tzu sonhou que era uma borboleta. Ao acordar, entretanto, ele não sabia mais se era um homem que sonhara ser uma borboleta ou uma borboleta que agora sonhava ser um homem.

Será que Dom Cobb está sonhando? Será que a vida real é esta mesma ou somos nós que sonhamos?

Alguns podem ir ao cinema para assistir "A Origem", de Christopher Nolan ("Batman - O Cavaleiro das Trevas") e achar tão chato que vão sonhar de verdade, dormindo na fase de sono REM.

Mas outros estão sonhando acordados. Em blogs, sites e grupos de discussão, os já fanáticos pelo filme de Nolan apontam referências (de mitologia grega), veem citações (de "Lost"), tecem teorias malucas e conspiratórias (o sonho dentro do sonho).

Alguns acusam o diretor de copiar filmes os mais variados, de "Blade Runner" (1982) a "eXistenZ" (1999), de se inspirar em "2001 - Uma Odisseia no Espaço" (1968) e até de roubar a ideia de um quadrinho do Tio Patinhas de 2002.

O fato é que Nolan acertou o alvo. E ele sabia do potencial "nerdístico" de seu filme. Tanto é que cogitou mudar a canção que toca no filme todo, "Non, Je Ne Regrette Rien", com Edith Piaf, porque uma das atrizes escaladas, Marion Cotillard, havia vivido a cantora francesa em um filme de 2007.

(...)

Além da música, uma boa diversão de "A Origem" é identificar os objetos impossíveis deixados por Nolan ao longo do filme. A escada de Penrose, criada pelo psiquiatra britânico Lionel Penrose, aparece diversas vezes na tela - e também inspirou o quadro que tenta explicar facetas do longa.

Melhor ir ver o filme e não pensar em escadas... No que você está pensando agora?

(<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1908201010.htm>)

Em "O fato é que Nolan acertou o alvo", o "que" exerce a função de

- a. conjunção integrante, pois introduz uma oração subordinada substantiva.
- b. pronome relativo, pois introduz uma oração subordinada adjetiva.
- c. partícula expletiva, pois, tendo apenas o objetivo de realçar uma ideia, não exerce função sintática.
- d. advérbio de intensidade, pois atribui uma circunstância ao verbo "acertar".
- e. preposição, pois relaciona o verbo "ser" à oração subordinada substantiva.

## 5. PUC-SP 2006

### A ANIMALIZAÇÃO DO PAÍS

Clóvis Rossi, *Folha de São Paulo*, 21 de fevereiro de 2006

*SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo".*

*Prossigue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos".*

*Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.*

*"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.*

*O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.*

*Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.*

*O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".*



*Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.*

A palavra QUE exerce a mesma função em todas as alternativas a seguir, exceto:

- a. Admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas...
- b. O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país.
- c. Mas ainda daria (...) para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
- d. Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita.
- e. "Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado.

## 6. UEA 2014

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### **Servidores da Funai morreram ao tentar contato com índios isolados na Amazônia**

A imensidão do Brasil revela que existem regiões que não foram desbravadas e que mantêm até hoje povos que habitavam o solo nacional, antes da chegada das caravelas de Pedro Álvares Cabral. <sup>1</sup>Na Terra Indígena Vale do Javari, na fronteira do Brasil com o Peru e Colômbia, por exemplo, existem entre 2 mil e 3 mil índios que nunca tiveram contato com homens de outras etnias. O vale tem 8,5 milhões de hectares, sendo considerado o maior mosaico visual de referências indígenas isoladas do mundo.

Nos últimos 15 anos, nove servidores da Fundação Nacional do Índio (Funai) morreram tentando contato com tribos isoladas na região. Atualmente, a luta que ocorre diariamente é para preservar o direito dos índios de permanecer no isolamento. A região tem mais de dez mil índios contatados e 16 referências de índios isolados, sendo nove confirmadas.

Segundo o coordenador regional da Funai, Bruno Pereira, a política de acabar com os contatos com grupos isolados partiu da experiência de indigenistas, funaianos e sertanistas, que, ao longo de 120 anos de indigenismo de Estado, comprovaram que a aproximação era feita sem o cuidado devido e somente os índios se prejudicavam. O principal dano eram as doenças contagiosas, que quase levaram etnias à extinção, como aconteceu com os Matis, também chamados de Matsés, etnia reduzida a menos da metade, em apenas dois anos.

O último grupo contatado foi da etnia Korubo, em 2003. Atualmente, o grupo de Korubos tem 29 índios. Conhecidos como caceteiros da Amazônia, eles mataram alguns madeireiros que invadiram a mata, em busca de madeira, e que queriam expulsar os índios do próprio território. Três índios Korubos morreram no confronto, o que fez com que eles se aproximassem de algumas comunidades na região de Atalaia do Norte, a 1.138 quilômetros de Manaus. A Funai foi acionada para tentar acabar com o confronto.

(www.acritica.uol.com.br. Adaptado.)

Uma das funções da partícula *que* é a de conjunção integrante, podendo, por exemplo, introduzir uma oração com valor de objeto direto. Das cinco ocorrências do *que*, no primeiro parágrafo, a única que tem essa característica é a do trecho

- a. *que não foram desbravadas.*
- b. *que existem regiões.*
- c. *que mantêm até hoje povos.*
- d. *que nunca tiveram contato.*
- e. *que habitavam o solo nacional.*

## 7. FUVEST 1992

"É da história do mundo que (1) as elites nunca introduziram mudanças que (2) favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que (3) estas lideranças empresariais teriam motivação para fazer a distribuição de rendas que (4) uma nação equilibrada precisa ter."

O vocábulo que está numerado em suas quatro ocorrências, nas quais se classifica como conjunção integrante e como pronome relativo. Assinalar a alternativa que registra a classificação correta em cada caso, pela ordem:

- a. 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante;
- b. 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante;
- c. 1. pronome relativo, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. conjunção integrante;
- d. 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo;
- e. 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo.

## 8. UFRN 2001

- 1 *Ouçõ muito: um bom texto deve ser claro e conciso. Não há dúvida de que a clareza é a principal qualidade do texto. Ser conciso, entretanto, é uma luta muito árdua.*
- 2 *Ser conciso é dizer o necessário com o mínimo de palavras, sem prejudicar a clareza da frase. É ser objetivo e direto.*
- 3 *E aqui está a nossa dificuldade. Nós, brasileiros, estamos habituados a falar muito e dizer pouco, a escrever mais que o necessário, a discursar mais para impressionar do que comunicar.*
- 4 *Para muitos, esse hábito começa na escola. É só fazer uma "sessão nostalgia" e voltarmos aos bons tempos de colégio, às gloriosas aulas em que o professor anunciava: "Hoje é dia de redação." Você se lembra da "alegria" que contagiava a turma? Você se lembra de algum coleguinha que dizia estar "inspirado"? Você se lembra de algum tema para a redação que tenha deixado toda a turma satisfeita? A verdade é que não aceitávamos tema algum. Pedíamos outro tema. Se o professor apresentasse vários temas, pedíamos "tema livre". E se fosse tema livre, exigíamos um. Era uma insatisfação total. Depois de muita briga, o tema era "democraticamente imposto". E aí vinha aquela tradicional pergunta: "Quantas linhas?" A resposta era <sup>1</sup>original: "No mínimo 25 linhas." Eu costumo dizer que 25 é um número traumático na vida do aluno. <sup>2</sup>A partir daquele instante, começava um verdadeiro drama na sua vida: "Meu reino pela 25ª linha." Valia tudo para se <sup>3</sup>chegar lá. Desde as ridículas letras que "engordavam" repentinamente até a famosa "encheção de linguiça".*
- 5 *E aqui pode estar a origem de tudo. Nós nos habituamos a "encher linguiça". Pelo visto, há políticos que fizeram "pós-graduação" no assunto. São os mestres da prolixidade. Falam, falam e não dizem nada. Em algumas situações não têm o que dizer, às vezes não sabem explicar e muitas vezes precisam "enrolar".*
- 6 *O problema maior, entretanto, é que a doença atinge também outras categorias profissionais.*
- 7 *Vejamos três exemplos retirados de bons jornais:*
1. "A largada será no Leme. A chegada acontecerá no mesmo local da partida."  
*Cá entre nós, bastava ter escrito: "A largada e a chegada serão no Leme."*
2. "O procurador encaminhou ofício à área criminal da Procuradoria determinando que seja investigado..."  
*Sendo direto: "O procurador mandou investigar."*
3. "A posição do Governo brasileiro é de que esgotem todas as possibilidades de negociação para que se alcance uma solução pacífica."  
*Enxugando a frase: "O Brasil é a favor de uma solução pacífica."*  
*Exemplos não faltam, mas espaço sim. Por hoje é só. Prometo voltar ao assunto.*

(DUARTE, Sérgio Nogueira. O Caso. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 jan. 2000. cad. BRASIL, p. 14. [coluna LÍNGUA VIVA])

A palavra QUE exerce função sintática de sujeito em:

- a. Você se lembra da "alegria" QUE contagiava a turma?
- b. Eu costumo dizer QUE 25 é um número traumático na vida do aluno.
- c. É só (...) voltarmos (...) às (...) aulas em QUE o professor anunciava: "Hoje é dia de redação."
- d. O problema maior, entretanto, é QUE a doença atinge também outras categorias profissionais.

## 9. ITA 1997

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### SOBRE ARTES E ARTISTAS

"Uma coisa que realmente não existe é aquilo a que se dá o nome de Arte. Existem somente artistas. Outrora, eram homens que apanhavam terra colorida e modelavam toscamente as formas de um bisão na parede de uma caverna; hoje, alguns compram suas tintas e desenham cartazes para os tapumes; eles faziam e fazem muitas outras coisas. Não prejudica ninguém chamar a todas essas atividades arte, desde que conservemos em mente que tal palavra pode significar coisas muito diferentes, em tempos e lugares diferentes, e que Arte com A maiúsculo não existe. Na verdade, Arte com A maiúsculo passou a ser algo de um bicho-papão e de um fetiche. Podemos esmagar um artista dizendo-lhe que o que ele acaba de fazer pode ser muito bom no seu gênero, só que não é "Arte". E podemos desconcertar qualquer pessoa que esteja contemplando com prazer um quadro, declarando que aquilo de que ela gosta não é Arte, mas algo muito diferente. Na realidade, não penso que existam quaisquer razões erradas para se gostar de um quadro ou de uma escultura. Alguém pode gostar de uma paisagem porque ela lhe recorda seu berço natal, ou de um retrato porque lhe lembra um amigo. Nada há de errado nisso. (...) Somente quando alguma recordação irrelevante nos torna parciais e preconceituosos, quando instintivamente voltamos as costas a um quadro magnífico de uma cena alpina porque não gostamos de praticar alpinismo, é que devemos perscrutar o nosso íntimo para desvendar as razões da aversão que estraga um prazer que de outro modo poderíamos ter. Há razões erradas para não se gostar de uma obra de arte."

E. H. Gombrich

Nas orações "e QUE Arte com A maiúsculo não existe" e "o QUE ele acaba de fazer...", as palavras em maiúsculo funcionam respectivamente como:

- a. conjunção integrante e pronome relativo
- b. pronome relativo e pronome relativo
- c. conjunção integrante e conjunção integrante
- d. pronome relativo e conjunção integrante
- e. conjunção aditiva e pronome demonstrativo

## 10. UFSM 2002

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

MARCELO BERABA

Desejo de matar

1 RIO DE JANEIRO - A TV Globo estreou mais uma série importada que enaltece os <sup>3</sup>grupos de <sup>14</sup>extermínio. Esta agora chama-se "Angel" e conta a história de um vampiro bom que sai pela cidade eliminando vampiros maus. Para isso, o herói vampiro conta com a ajuda de três pessoas, uma delas <sup>7</sup>delegada de polícia.

2 Parece que esta série é apenas um <sup>9</sup>tapa-buraco na programação da emissora, que nem fez muito alarde com o filme. Mas não é a primeira vez que a TV explora o tema. Teve uma, "Justiça Cega", em que um juiz, inconformado com as amarras da lei, fazia justiça com as próprias mãos.

3 O justiceiro passava o dia de toga examinando processos e à noite montava numa moto e saía matando os <sup>8</sup>bandidos que tinha sido obrigado a inocular por falta de provas.

4 A mensagem desses filmes é sempre a mesma. Não é <sup>13</sup>possível combater o <sup>1</sup>crime com os instrumentos que a sociedade coloca à disposição da <sup>2</sup>Justiça e das polícias. É preciso montar polícias e <sup>11</sup>justiças paralelas, que usem as mesmas armas e recursos imorais dos criminosos.

5 "Angel" e seus vampiros permitem várias interpretações. Uma delas é simples: o combate ao crime já não é tarefa para homens comuns. Os criminosos estão cada vez mais sofisticados. São seres mutantes. <sup>5</sup>Juízes e policiais comuns, por mais bem preparados que estejam, não dão conta do recado.



6 A série é <sup>10</sup>lixo e não tem a menor importância. O problema é na vida real, quando as empresas acham normal buscar formas de convivência com o <sup>4</sup>narcotráfico. Quando o Estado acha normal que o <sup>6</sup>crime organizado monte banquinhas de apostas no meio das calçadas. E quando o <sup>12</sup>sistema penitenciário ajuda a organização dos presos para evitar rebeliões.

7 Pensando bem, não <sup>15</sup>há por que se espantar com "Angel" e similares se as deformações que procuram legitimar fazem parte do nosso cotidiano.

(Folha de São Paulo, 9 de março de 2001.)

Em qual das alternativas a seguir o pronome relativo "que", ao retomar a expressão anterior, NÃO desempenha o papel de sujeito?

- a. "[...] uma série importada que enaltece os grupos de extermínio."
- b. "[...] um vampiro bom que sai pela cidade eliminando vampiros maus."
- c. "[...] da emissora, que nem fez muito alarde com o filme."
- d. "[...] os bandidos que tinha sido obrigado a inocentar [...]"
- e. "[...] polícias e justiça paralelas, que usem as mesmas armas [...]"

## 11. UECE 2008

### O BARBEIRO

*Perto de casa havia um barbeiro, que me conhecia de vista, amava a rabeca e não tocava inteiramente mal. <sup>10</sup>Na ocasião em que ia passando, <sup>9</sup>executava não sei que peça. Parei na calçada a ouvi-lo (tudo <sup>3</sup>são pretextos a um coração agoniado), ele viu-me, e continuou a tocar. Não atendeu a um freguês, e logo a outro, que ali foram, <sup>7</sup>a despeito da hora e de ser domingo, confiar-lhe as caras à navalha. Perdeu-os sem perder uma nota; ia tocando para mim. Esta consideração fez-me chegar francamente à porta da loja, voltado para ele. Ao fundo, levantando a cortina de chita que fechava o interior da casa, <sup>11</sup>vi apontar uma moça trigueira, vestido claro, flor no cabelo. Era a mulher dele; creio que me descobriu de dentro, e veio agradecer-me com a presença o favor que eu fazia ao marido. <sup>6</sup>Se me não engano, chegou a dizê-lo com os olhos. Quanto ao marido, tocava agora com mais calor; sem ver a mulher, sem ver fregueses, grudava a face no instrumento, passava a alma ao arco, e tocava, tocava...*

*Divina arte! Ia-se formando um grupo, <sup>4</sup>deixei a porta da loja e vim andando para casa; <sup>2</sup>enfiei pelo corredor e subi as escadas sem estrépito. Nunca me esqueceu o caso deste barbeiro, ou por estar ligado a um momento grave de minha vida, ou por esta máxima, que os compiladores podiam tirar daqui e inserir nos compêndios da escola. A máxima é que <sup>1</sup>a gente esquece devagar as boas ações que pratica, e verdadeiramente não as esquece nunca. Pobre barbeiro! Perdeu duas barbas naquela noite, que eram o pão do dia seguinte, tudo para ser ouvido de um transeunte. <sup>12</sup>Supõe agora que este, em vez de ir-se embora, como eu fui, ficava à porta a ouvi-lo e namorar-lhe a mulher; então é que ele, todo arco, todo rabeca, tocaria desesperadamente. <sup>5</sup>Divina arte!*

(ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro - obra completa* - vol. I, Aguilar, 2ª ed. 1962.)

Na passagem "... executava não sei que peça." (ref. 9), a palavra que tem função de:

- a. pronome relativo - sujeito
- b. pronome adjetivo - adjunto adnominal
- c. pronome relativo - adjunto adnominal
- d. conjunção integrante - conectivo

## 12. FUVEST 1989

### 17 DE JULHO

1 *Um dia desta semana, farto de vendavais, naufrágios, boatos, mentiras, polêmicas, farto de ver como se descompõem os homens, acionistas e diretores, importadores e industriais, farto de mim, de ti, de todos, de um tumulto sem vida, de um silêncio sem quietação, peguei de uma página de anúncios, e disse comigo:*

2 *Eia, passemos em revista as procuras e ofertas, caixeiros desempregados, pianos, magnésias, sabonetes, oficiais de barbeiro, casas para alugar, amas-de-leite, cobradores, coqueluche, hipotecas, professores, tosses crônicas...*

3 *E o meu espírito, estendendo e juntando as mãos e os braços, como fazem os nadadores, que caem do alto, mergulhou por uma coluna a seguir. Quando voltou à tona trazia entre os dedos esta pérola:*

4 *"Uma viúva interessante, distinta, de boa família e independente de meios, deseja encontrar por esposo um homem de meia-idade, sério, instruído, e também com meios de vida, que esteja como ela cansado de viver só; resposta por carta ao escritório desta folha, com as iniciais M. R...., anunciando, a fim de ser procurada essa carta."*

5 *Gentil viúva, eu não sou o homem que procuras, mas desejava ver-te, ou, quando menos, possuir o teu retrato, porque tu não és qualquer pessoa, tu vales alguma coisa mais que o comum das mulheres. Ai de quem está só! dizem as sagradas letras; mas não foi a religião que te inspirou esse anúncio. Nem motivo teológico, nem metafísico. Positivo também não, porque o positivismo é infenso às segundas núpcias. Que foi então, senão a triste, longa e aborrecida experiência? Não queres amar; estás cansada de viver só.*

6 *E a cláusula de ser o esposo outro aborrecido, farto de solidão, mostra que tu não queres enganar, nem sacrificar ninguém. Ficam desde já excluídos os sonhadores, os que amem o mistério e procurem justamente esta ocasião de comprar um bilhete na loteria da vida. Que não pedes um diálogo de amor, é claro, desde que impões a cláusula da meia-idade, zona em que as paixões arrefecem, onde as flores vão perdendo a cor purpúrea e o viço eterno. Não há de ser um náufrago, à espera de uma tábua de salvação, pois que exiges que também possua. E há de ser instruído, para encher com as cousas do espírito as longas noites do coração, e contar (sem as mãos presas) a tomada de Constantinopla.*

7 *Viúva dos meus pecados, quem és tu que sabes tantos? O teu anúncio lembra a carta de certo capitão da guarda de Nero. Rico, interessante, aborrecido, como tu, escreveu um dia ao grave Sêneca, perguntando-lhe como se havia de curar do, tédio que sentia, e explicava-se por figura: "Não é a tempestade que me aflige, é o enjoo do mar. "Viúva minha, o que tu queres realmente, não é um marido, é um remédio contra o enjoo. Vês que a travessia ainda é longa, - porque a tua idade está entre trinta e dois e trinta e oito anos, - o mar é agitado, o navio joga muito; precisas de um preparado para matar esse mal cruel e indefinível. Não te contentas com o remédio de Sêneca, que era justamente a solidão, "a vida retirada, em que a alma acha todo o seu sossego". Tu já provaste esse preparado; não te fez nada. Tentas outro; mas queres menos um companheiro que uma companhia.*

(Machado de Assis, *A Semana*, 1892.)

"A cláusula mostra QUE tu não queres enganar."

A classe gramatical da palavra QUE no trecho anterior é a mesma da palavra QUE na seguinte frase:

- a. Ficam desde já excluídos os sonhadores, os QUE amem o mistério.
- b. Não foi a religião QUE te inspirou esse anúncio.
- c. QUE não pedes um diálogo de amor, é claro.
- d. QUE foi então, senão a triste, longa e aborrecida experiência?
- e. Quem és tu, QUE sabes tanto?

### 13. FAAP 1996

#### OS DESASTRES DE SOFIA

Qualquer que tivesse sido o seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele.

O professor era gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos. Em vez de nó na garganta, tinha ombros contraídos. Usava paletó curto demais, óculos sem aro, com um fio de ouro encimando o nariz grosso e romano. E eu era atraída por ele. Não amor, mas atraída pelo seu silêncio e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que, ofendida, eu adivinhara. Passei a me comportar mal na sala. Falava muito alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas, até que ele dizia, vermelho:

- Cale-se ou expulso a senhora da sala.

Ferida, triunfante, eu respondia em desafio: pode me mandar! Ele não mandava, senão estaria me obedecendo. Mas eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem que de certo modo eu amava. Não o amava como a mulher que eu seria um dia, amava-o como uma criança que tenta desastrosamente proteger um adulto, com a cólera de quem ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros tão curvos. (...)

Clarice Lispector

"... homem QUE de certo modo eu amava".

A palavra QUE exerce no texto a função sintática de:

- a. sujeito
- b. objeto direto
- c. objeto indireto
- d. complemento nominal
- e. agente da passiva

GABARITO: 1) d, 2) c, 3) a, 4) a, 5) e, 6) b, 7) d, 8) a, 9) a, 10) d, 11) b, 12) c, 13) b,